

AS VARIAÇÕES MIGRATÓRIAS NO NORDESTE: 1940/1970(*)

Hélio Augusto de Moura(**)

Introdução

Das variações migratórias devem depender em boa medida as próprias variações na taxa de crescimento da população presente no Nordeste.(***) Esta, na realidade, é uma região que ainda se encontra em estágio de desenvolvimento inferior ao de quase todo o Resto do País, sujeita a secas periódicas que afetam substancial parcela da população dedicada basicamente a uma agricultura de subsistência e afetada por toda uma gama de problemas que se refletem num deprimido mercado de trabalho.

Nessa situação, é intenso não somente o fluxo de pessoas que saem cada ano do Nordeste, mas também o daquelas que deixam o setor agrícola em demanda dos próprios quadros urbanos regionais. No primeiro caso, o impacto sobre a taxa de crescimento demográfico regional é direto. No segundo, é mais sutil, por atuar sobre a estrutura populacional e sobre os componentes vegetativos do processo, na medida em que padrões de comportamento, educação e atitudes "urbanas" afetam e, simultaneamente, se deixam afetar por padrões inerentes ao meio rural.

Dada a complexidade do processo é difícil dissociar tais influências. Contudo, o simples conhecimento de que elas existem impõe que se mantenham atualizadas e analisadas as informações estatísticas disponíveis, com vistas a acompanhar tendências e, em função das necessidades de planejamento e programação de atividades visando ao desenvolvimento que se almeja para a região, efetuar projeções e previsões sobre evolução demográfica, que levem em conta os desenvolvimentos mais recentes que se estejam a esboçar. Afinal, a população é o agregado que constitui simultaneamente sujeito e objeto das grandes opções políticas e sobre o qual se verifica a própria coerência das hipóteses do desenvolvimento econômico e do emprego dos recursos.

Este, é, pois, o objetivo do presente documento, que analisa o Censo de 1970 no que ele, sob o aspecto das migrações, permite e interessa ao

(*) "Trabalho apresentado no Seminário de Desenvolvimento Regional, realizado em Brasília sob os auspícios do Ministério de Planejamento e Coordenação Geral".

(**) O autor é Coordenador do Grupo de Estudos de Demografia e Urbanização do ETENE (BNB). Colaboraram no estudo os estagiários Heber José de Moura e Marcos Antônio Guimarães de Oliveira. Os conceitos e opiniões emitidos não refletem necessariamente pontos de vista do Banco do Nordeste do Brasil S.A.

(***) Nordeste é aqui definido como a região constituída pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, R. G. do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Nordeste. São feitas comparações com dados de Censos anteriores, visando a situar os resultados dentro do marco histórico em que se devem inserir.

Migrações Interregionais

Condições de Presença e Naturalidade

Dadas as informações disponíveis, adotar-se-á para a classificação da população em migrante e não-migrante o critério de combinarem-se locais de nascimento e de presença da população. Como assinala Barros, "os dados assim obtidos não permitirão, realmente, medir as correntes migratórias, pois representam somente o que se poderia chamar de saldos ativos ou passivos na data do recenseamento, dos movimentos de entrada, de um lado, e de eliminação por óbito ou saída, de outro". (1) Todavia, serão suficientes para dar uma idéia da importância comparativa das diversas correntes, indicando essa que será tanto mais aproximada quanto mais permanente for o caráter assumido pelo fluxo migratório.

Partindo, então, dos dados censitários, é possível classificar inicialmente a população do Nordeste nos seguintes grupos ou contingentes:

- a) **Naturais Presentes**, constituídos pelos nascidos e presentes na região por ocasião dos Censos;
- b) **Naturais Ausentes**, isto é, nativos da região e presentes em outras áreas do País;
- c) **Não-Naturais Presentes**, grupo constituído pelos naturais de outras áreas (inclusive exterior) presentes no Nordeste por ocasião dos Censos;
- d) **População Natural**, constituída pelo somatório dos grupos a e b;
- e) **População Presente**, constituída pelo somatório dos grupos a e c.

A evolução dos três contingentes primeiramente assinalados determina o tamanho e a própria estrutura da população presente em determinada área. A Tabela 1 contém os resultados censitários ou estimativas nos últimos trinta anos atinentes aos contingentes acima especificados, assim como as respectivas taxas geométricas anuais de crescimento nos vários períodos intercensitários.

A análise comparativa dos dados da mencionada Tabela 1 revela, inicialmente, ter havido duplicação do efetivo demográfico presente na Região entre os anos extremos 1940 e 1970, efetivo este que já se situou por ocasião do último Censo em torno de 28,7 milhões de pessoas. Os dados revelam também que só na década mais recente ocorreu intensificação no ritmo de crescimento da população presente no Nordeste. Com efeito, tanto no período dos quarenta como no dos cinquenta, tal contingente cresceu a 2,2% a.a., passando a fazê-lo a 2,5% a.a. durante a última década.

Ao se observarem as tendências atinentes aos demais contingentes populacionais constantes da Tabela 1 verifica-se que essa intensificação somente não se manifestou já a partir da década dos cinquenta e não foi

(1) Ernani T. de Barros, "As Migrações Internas no Brasil" in Contribuições Para o Estudo da Demografia do Brasil, IBGE-CNE, 1961, pág. 376.

Tabela 1
NORDESTE
Contingentes Demográficos Segundo Condições de Naturalidade e Presença
1940/70

DISCRIMINAÇÃO	MILHARES DE PESSOAS			TAXAS DE CRESCIMENTO (% a.a.)			
	1940	1950	1960	1970 (2)	40/50	50/60	60/70
I — HOMENS							
a. Naturais Presentes	7.013,7	8.703,3	...	13.835,7	2,2	...	2,3
b. Naturais Ausentes	415,7	602,8	...	2.046,9	3,8	...	6,3
c. População Natural (a + b)	7.429,3	9.306,1	...	15.882,5	2,3	...	2,7
d. Não-Naturais Presentes (1)	52,5	66,2	...	142,8	2,3	...	3,9
e. População Presente (a + d)	7.066,5	8.769,6	10.944,6	13.978,5	2,2	2,2	2,4
f. Ganhos (+) ou Perdas (—) Migratórias (d — b)	— 363,1	— 536,5	...	— 1.904,0	4,0	...	6,5
II — MULHERES							
a. Naturais Presentes	7.322,7	9.141,9	...	14.556,8	2,2	...	2,4
b. Naturais Ausentes	294,6	421,8	...	1.748,3	3,7	...	7,4
c. População Natural (a + b)	7.617,3	9.563,8	...	16.305,1	2,3	...	2,7
d. Não-Naturais Presentes (1)	44,9	64,9	...	138,5	3,8	...	3,9
e. População Presente (a + d)	7.367,6	9.206,9	11.482,9	14.695,3	2,3	2,2	2,4
f. Ganhos (+) ou Perdas (—) Migratórias (d — b)	— 249,7	— 356,9	...	— 1.609,8	3,6	...	7,8
III — HOMENS E MULHERES							
a. Naturais Presentes	14.336,3	17.845,3	22.243,1	28.392,5	2,2	2,2	2,3
b. Naturais Ausentes	710,3	1.024,6	2.066,0	3.795,1	3,7	7,3	6,8
c. População Natural (a + b)	15.046,6	18.869,9	24.309,1	32.187,6	2,3	2,6	2,7
d. Não-Naturais Presentes (1)	97,8	131,1	184,4	281,3	2,7	3,7	4,0
e. População Presente (a + d)	14.434,1	17.973,4	22.427,5	28.673,8	2,2	2,2	2,4
f. Ganhos (+) ou Perdas (—) Migratórias (d — b)	— 612,5	— 893,5	— 1.881,6 (3)	— 3.513,8	3,9	7,7	7,1

Fonte dos dados originais: F. IBGE — Censos Demográficos.

- (1) Inclusive brasileiros natos sem especificação do local de nascimento, brasileiros naturalizados e estrangeiros;
- (2) A fim de tornar conceitualmente homogêneos os dados de 1970 divulgados pelo IBGE a nível da população residente com os dados dos Censos anteriores atinentes à população presente, todos os contingentes foram ajustados segundo a relação verificada em 1970 entre população presente total população residente total.
- (3) Dados preliminares do SNR referidos por José Francisco de Camargo, *Mudanças Populacionais e Educação no Brasil*, Faculdade de Ciências de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1970, Tabela V.

maior na dos sessenta em razão da forte intensidade migratória da população nordestina ocorrida então. Ao que se supõe, em função de índices de fecundidade constantes e coeficientes decrescentes de mortalidade, o crescimento da população natural do Nordeste vem se acelerando de década para década: 2,3% a.a. entre 1940/50, 2,6% a.a. entre 1950/60 e 2,8% a.a. entre 1960/70.

Contudo, o saldo de naturais ausentes da Região entre 1950 e 1960 cresceu a um ritmo geométrico anual de 7,3%, ou seja, a uma taxa que foi praticamente o dobro da que se manifestara na década dos quarenta. Sem dúvida que um elenco de fatores que atraíram a população nordestina ao Resto do País — construção de Brasília, expansão da fronteira cafeeira no Norte do Paraná, “boom” industrial de São Paulo, expansão do setor da construção civil no Rio de Janeiro, integração rodoviária Norte-Sul e melhoria geral no sistema viário, assim como duas grandes secas que assolaram a zona semi-árida do Nordeste no período — devem ter contribuído fortemente para isso.

Conquanto os fatores atrativos tenham desde então perdido muito do seu impacto, é provável que a seca que assolou o Nordeste em 1970 tenha constituído um importante fator de “expulsão”, já refletido no Censo do mesmo ano (realizado em setembro), determinando que continuasse bastante intenso o crescimento no saldo dos naturais ausentes da Região, calculado entre um e outro ano extremos do período dos sessenta. Note-se que, embora menos intenso que no decênio 1950/60, ainda assim o ritmo médio de crescimento geométrico anual desse saldo atingiu 6,3% no último intervalo censitário.

Por outro lado verifica-se que o contingente demográfico presente na Região é quase todo constituído por população natural do próprio Nordeste. Na realidade, à exceção, talvez de fluxos imigratórios mais localizados, constituídos pelos nascidos em áreas que se limitam com o Maranhão e com o Extremo-Sul da Bahia, o saldo dos não-naturais presentes deve ser em maior peso constituído por pessoal militar e da administração civil transferido para a Região, funcionários administrativos ou operários especializados de empresas do Centro-Sul que possuem filiais no Nordeste, pequena parcela de estrangeiros, ou ainda descendentes ou agregados de emigrantes nordestinos que retornaram à Região. Embora esse saldo venha crescendo com razoável intensidade, o contingente autóctone ainda representou em 1970 cerca de 99% de todo o efetivo demográfico presente. O Nordeste tem pouca expressão como área de atração migratória. A perda líquida migratória do Nordeste (não-naturais presentes < naturais ausentes) continuou se elevando não somente em termos absolutos — cerca de 3,5 milhões de pessoas em 1970 — como também em termos relativos ao contingente presente na área: 4,5% em 1940, 5,0% em 1950, 8,3% em 1960 e cerca de 12,0% em 1970.

Finalmente, a observação dos dados constantes da Tabela 1 revela um aspecto curioso acerca dos fluxos emigratórios regionais discriminados segundo os sexos.

Em termos absolutos, prevaleceram em todos os anos censitários maiores participações de indivíduos do sexo masculino sobre os do sexo feminino. Entretanto, ao se observar a intensidade de crescimento do

saldo emigratório segundo os sexos verifica-se que, ao contrário do que ocorreu nos anos quarenta, vem-se registrando emigração relativamente mais intensa do contingente feminino que do masculino.

Conquanto haja falta de informações que permitam comprovar rigorosamente o motivo, fazem-se, a seguir, algumas especulações à guisa de tentativa de explicação do crescimento relativo mais intenso da parcela feminina de naturais ausentes.

As maiores facilidades decorrentes da melhoria do sistema viário Nordeste-Sul do País devem ter contribuído em alguma medida para evitar que a emigração dos naturais da Região deixasse de ser uma ocorrência quase que exclusivamente masculina.

Em primeiro lugar, é possível que a migração de famílias tenha-se tornado relativamente mais substancial do que antes, quando nas migrações predominavam os indivíduos masculinos isolados, para os quais demandar São Paulo ou Rio representava aventura custosa e não isenta de riscos.

A isto se devem combinar outras considerações, todas elas ligadas ou associadas à debilidade do mercado regional de trabalho e ao ambiente social e econômico da área.

É provável, por exemplo, que, em face da sua crescente tomada de consciência, associada à própria necessidade de trabalhar, o elemento feminino não tenha na Região maiores possibilidades de competir vantajosamente com o elemento masculino por empregos melhor remunerados, talvez nem tanto em razão de práticas discriminatórias hoje já bastante superadas, mas como decorrência de menores níveis de qualificação, ainda resultantes de atitudes que historicamente prevaleceram numa sociedade patriarcal, que impunha à mulher a vocação exclusiva das tarefas domésticas.

Se bem que a população feminina economicamente ativa do Nordeste tenha crescido nos últimos vinte anos a uma taxa média superior à do contingente masculino — 3,6% a.a. e 1,6% a.a., respectivamente — o fato é que em 1970 duas terças partes dela ainda se ligavam a atividades agrícolas ou à atividade terciária da prestação de serviços propriamente dita, em condições que se deviam caracterizar por níveis baixos de produtividade e de remuneração (2). É oportuno notar a estimativa feita com base em dados do PNAD de que cerca de duas terças partes da mão-de-obra não agrícola visivelmente subempregada na Região são constituídas por indivíduos do sexo feminino (3).

Quanto aos não-naturais presentes, o saldo de indivíduos masculinos que havia crescido mais lentamente que o dos indivíduos femininos no período 1940/50, passou a fazê-lo a taxa idêntica, mais acelerara desde então.

(2) Hélio A. de Moura, *Tendências e Perspectivas de Crescimento da Oferta Regional de Mão-de-Obra*, BNB/ETENE, mimeo. Fortaleza, notadamente Tabelas 2, 3 e 4.

(3) Idem, op. cit. pág. 27. População visivelmente subempregada foi conceituada como sendo a constituída por trabalhadores em regime de tempo parcial (menos de quarenta horas por semana) que prefeririam trabalhar tempo integral mas que se achavam durante a semana de referência ocupados em tarefa parcial por "motivos econômicos". Esta conceituação é a mesma que consta do trabalho de C. L. Salm e F. S. O'Brien, *Desemprego e Subemprego no Brasil*, "Revista Brasileira de Economia", vol. 24, n.º 4, out/dez. 1970.

Saldos Migratórios Segundo Regiões

O saldo dos nordestinos ausentes, apresentado na Tabela 2-A segundo grandes regiões de presença, revela que o maior percentual dos emigrantes, em 1970, se achava presente no Estado de São Paulo, onde a parcela do respectivo saldo atingiu 39%. Seguiram-se como outras áreas de maior atração para os fluxos migratórios originados do Nordeste os Estados do Rio de Janeiro e Guanabara, em conjunto, a Região Centro-Oeste e o Estado do Paraná, cujos percentuais respectivos se situaram em torno de 23%, 18% e 10%.

A comparação dessas informações com as atinentes a anos censitários anteriores fornece indicações sobre os principais rumos e tendências quanto à orientação das correntes migratórias partidas do Nordeste.

Permite observar, por exemplo, a importância que nos últimos anos passou a ser assumida pelo Estado do Paraná e pela Região Centro-Oeste, onde os saldos dos naturais nordestinos presentes multiplicaram-se, respectivamente de mais de dez vezes e de quase cinco vezes entre os anos extremos do referido período.

Indica, por outro lado, a reduzida e decrescente importância das Regiões Norte, Extremo-Sul e Estados de Minas Gerais e Espírito Santo sob o aspecto em comentário.

Mostra, ainda, que, a despeito dessas transformações a Região constituída pelo conjunto dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Guanabara continuou, em 1970, a participar com a mesma elevada proporção de 62% verificada em 1950 como área de presença dos naturais ausentes do Nordeste.

Se observado esse saldo segundo sexos, verifica-se que, a partir de 1970, a parcela feminina cresceu, em todas as regiões, a ritmo maior que a do contingente masculino (Tabela 2-B). Dentre as principais áreas de presença dos nordestinos, isso apenas se mostrou menos significativo no que tocou à Região Centro-Oeste e às duas áreas de menor atração migratória: região Norte e Estados de Minas Gerais e Espírito Santo juntos. Em todas as demais regiões consideradas, verificaram-se entre 1950 e 1970 modificações substanciais favoráveis ao contingente feminino no que se refere à composição percentual segundo sexos dos saldos de naturais nordestinos nelas presentes. Vale destacar que, na região constituída pelos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, já se verificou em 1970 ligeira predominância da parcela constituída por mulheres.

O saldo dos não naturais presentes no Nordeste multiplicou-se de duas vezes e meia no período 1950/70 (Tabela 3). Em 1970, dito saldo foi em sua maior parcela (cerca de 38%) constituído por naturais dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Os naturais de São Paulo representaram 17% do total, os dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara de 12%, os da Região Norte quase 9%, os do Centro-Oeste cerca de 6%, sendo menos expressivas as percentagens atinentes aos presentes nascidos em outras áreas do País. Como informação, acrescente-se que estavam presentes na Região, em 1970, cerca de 26,4 mil estrangeiros, isto é, 4,2 mil a mais do que em 1960.

Tabela 2-A
NORDESTE
Nordestinos Natos Ausentes Segundo Regiões de Presença
1940/70

Regiões de Presença(*)	1940	1950	1970
I — Números Absolutos (Pessoas)			
Norte	115.011	116.897	170.402
Minas Gerais e Espírito Santo	83.271	87.745	206.000
Rio de Janeiro e Guanabara	149.074	252.513	856.638
São Paulo	246.657	387.612	1.480.597
Paraná	8.494	35.572	390.026
Extremo Sul	4.720	4.622	7.135
Centro-Oeste	103.047	139.661	684.339
Total	710.274	1.024.622	3.795.137
II — % s/Total			
Norte	16,2	11,4	4,5
Minas Gerais e Espírito Santo	11,7	8,6	5,4
Rio de Janeiro e Guanabara	21,0	24,6	22,6
São Paulo	34,7	37,8	39,0
Paraná	1,2	3,5	10,3
Extremo Sul	0,7	0,5	0,2
Centro-Oeste	14,5	13,6	18,0
Total	100,0	100,0	100,0
Índices (1950 = 100)			
Norte	98,4	100,0	145,8
Minas Gerais e Espírito Santo	94,9	100,0	234,8
Rio de Janeiro e Guanabara	59,0	100,0	339,2
São Paulo	63,6	100,0	382,0
Paraná	23,9	100,0	1.096,4
Extremo Sul	102,1	100,0	154,4
Centro-Oeste	73,8	100,0	490,0
Total	69,3	100,0	370,4

Fonte dos dados originais: F. IBGE — Censos Demográficos.

Nota: (*) A divisão regional corresponde aos seguintes estados:
 Norte: Ache, Amazonas, Pará e territórios de Rondônia, Roraima e Amapá.
 Nordeste: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.
 Extremo Sul: Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
 Centro-Oeste: Brasília (DF), Mato Grosso e Goiás.

Tabela 2-B

NORDESTE

Nordestinos Natos Ausentes Segundo Regiões de Presença e Sexo

1940/70

Regiões de Presença (*)	1940		1950		1970	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
I — Milhares de Pessoas						
Norte	67,6	47,4	72,5	44,4	97,9	72,5
Minas Gerais/ Espírito Santo	47,0	36,2	49,9	37,9	115,5	90,5
Rio de Janeiro/ Guanabara	83,5	65,6	139,1	113,5	424,4	432,3
São Paulo	147,0	99,7	233,8	153,8	793,2	687,4
Paraná	5,9	2,6	23,2	12,4	224,3	165,7
Extremo Sul	3,7	1,0	3,5	1,2	4,7	2,5
Centro-Oeste	61,0	42,1	80,9	58,7	386,9	297,4
Total	415,7	294,6	602,8	421,8	2.046,9	1.748,3
II — % s/Total						
Norte	16,2	16,0	12,0	10,5	4,8	4,2
Minas Gerais/ Espírito Santo	11,3	12,3	8,3	9,0	5,6	5,2
Rio de Janeiro/ Guanabara	20,1	22,3	23,1	26,9	20,7	24,7
São Paulo	35,4	33,8	38,8	36,5	38,8	39,3
Paraná	1,4	0,9	3,8	2,9	11,0	9,5
Extremo Sul	0,9	0,4	0,6	0,3	0,2	0,1
Centro-Oeste	14,7	14,3	13,4	13,9	18,9	17,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
III — % s/Ambos os Sexos						
Norte	58,8	41,2	62,0	38,0	57,5	42,5
Minas Gerais/ Espírito Santo	56,5	43,5	56,8	43,2	56,9	43,9
Rio de Janeiro/ Guanabara	56,0	46,0	55,1	44,9	49,5	50,5
São Paulo	59,6	40,4	60,3	39,7	53,6	46,4
Paraná	69,6	30,4	65,2	34,8	57,5	42,5
Extremo Sul	77,9	22,1	74,9	25,1	65,2	34,8
Centro-Oeste	59,2	40,8	57,9	42,1	56,5	43,5
Total	58,5	41,5	58,8	41,2	53,9	46,1

Fonte dos dados originais: F. IBGE — Censos Demográficos.

(*) Sobre divisão regional vide nota à Tabela 2-A.

Tabela 3
NORDESTE
Não-Naturais Presentes no Nordeste Segundo Regiões de Nascimento
1940/70

Regiões de Nascimento	1940	1950	1970
I — Números Absolutos (Pessoas)			
Norte	17.226	18.222	24.563
Minas Gerais e Espírito Santo	41.834	48.495	108.003
Rio de Janeiro e Guanabara	5.813	9.220	34.336
São Paulo	3.308	6.126	47.943
Paraná	468	521	12.075
Extremo Sul	1.768	1.046	5.389
Centro-Oeste	2.436	3.794	15.904
Outros (*)	4.514	22.069	33.077
Total	77.367	109.493	281.290
II — % s/Total			
Norte	22,3	16,5	8,7
Minas Gerais e Espírito Santo	54,1	44,3	38,4
Rio de Janeiro e Guanabara	7,5	8,4	12,2
São Paulo	4,3	5,6	17,0
Paraná	0,6	0,5	4,3
Extremo Sul	2,3	1,0	1,9
Centro-Oeste	3,1	3,5	5,7
Outros (*)	5,8	20,2	11,8
Total	100,0	100,0	100,0
III — Números Índices (1950 = 100)			
Norte	94,5	100,0	134,8
Minas Gerais e Espírito Santo	86,3	100,0	222,7
Rio de Janeiro e Guanabara	63,0	100,0	372,4
São Paulo	54,0	100,0	782,6
Paraná	89,8	100,0	2.317,7
Extremo Sul	169,0	100,0	515,2
Centro-Oeste	64,2	100,0	419,2
Outros (*)	20,5	100,0	149,9
Total	70,7	100,0	256,9

Fonte dos dados originais: F. IBGE — Censos Demográficos.

(*) Brasileiros natos sem especificação do lugar de nascimento (inclusive nordestinos), brasileiros naturalizados e estrangeiros.

A combinação dos elementos constantes das Tabelas 2-A e 3 enseja a construção, em termos de contingentes demográficos, de um balanço dos ganhos e perdas do Nordeste em relação a outras regiões do País. (Tabela 4)

Tabela 4

NORDESTE

Balanco dos Ganhos e Perdas Pelas Migrações Internas de
Brasileiros Natos, com Outras Regiões Brasileiras
1940/1950/1970

(Em milhares de pessoas)

Regiões de Nascimento ou Presença	Não-Naturais Presentes no Nordeste (I)	Nordesti- nos Ausentes (II)	Ganhos (+) ou Perdas (-) Migratórias do Nordeste (III = I - II)	Relação (IV = II/I)
1940				
Norte	17,2	115,0	- 97,8	6,7
Minas Gerais/E. Santo	41,8	83,2	- 41,4	2,0
Rio de Janeiro/Guanabara	5,8	149,0	- 143,3	25,6
São Paulo	3,3	246,7	- 243,3	74,6
Paraná	0,5	8,5	- 8,0	18,1
Extremo Sul	1,8	4,7	- 3,0	2,7
Centro-Oeste	2,4	103,0	- 100,6	42,3
Subtotal	72,9	710,3	- 637,4	9,1
Total (*)	77,4	710,3	- 632,9	9,2
1950				
Norte	18,2	116,9	- 98,7	6,4
Minas Gerais/E. Santo	48,5	87,7	- 39,2	1,8
Rio de Janeiro/Guanabara	9,2	252,5	- 243,3	27,4
São Paulo	6,1	387,6	- 381,5	63,3
Paraná	0,5	35,6	- 35,0	68,3
Extremo Sul	1,0	4,6	- 3,6	4,4
Centro-Oeste	3,8	139,7	- 135,9	36,8
Subtotal	87,4	1.024,6	- 937,2	11,7
Total (*)	109,5	1.024,6	- 915,1	9,4
1970				
Norte	24,6	170,4	- 145,8	6,9
Minas Gerais/E. Santo	108,0	206,0	- 98,0	1,9
Rio de Janeiro/Guanabara	34,3	856,6	- 822,3	24,9
São Paulo	47,9	1.480,6	- 1.432,7	30,9
Paraná	12,1	390,0	- 378,0	32,3
Extremo Sul	5,4	7,1	- 1,7	1,3
Centro-Oeste	15,9	684,3	- 668,4	43,0
Subtotal	248,2	3.795,1	- 3.546,9	15,3
Total (*)	281,3	3.795,1	- 3.513,9	13,5

Fonte: Fundação IBGE — Censos Demográficos.

(*) Inclusive brasileiros natos sem especificação do lugar do nascimento (inclusive nordestinos), brasileiros naturalizados e estrangeiros.

Observam-se que saldos líquidos migratórios desfavoráveis ao Nordeste ocorrem com relação a todas as demais regiões brasileiras. Historicamente, as maiores perdas absolutas nesses fluxos se vêm registrando, em ordem decrescente de importância, para o Estado de São Paulo e para o conjunto dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara.

As relações entre os naturais nordestinos ausentes e os não-naturais presentes na Região revelam, entretanto, que as perdas nordestinas dos últimos anos tornaram-se proporcionalmente maiores com referência à área Centro-Oeste do País, com a qual referida relação atingiu, em 1970, a cerca de 43:1. Na mesma data, as relações atinentes ao Paraná e a São Paulo se situaram em torno de 31 a 32:1 e no Rio de Janeiro e Guanabara em 25:1.

Finalmente, convém referir que, em termos de Nordeste e Resto do País, essa proporção se elevou de 10:1 para 12:1, entre 1940 e 1950, e atingiu a 15:1 em 1970, denotando a crescente perda relativa da Região, pelo menos em termos estritos de quantitativos demográficos.

Nordestinos Ausentes Segundo Estados de Nascimento e Regiões de Presença

Os nascidos na Bahia, Pernambuco e Ceará constituíram, em conjunto, quase dois terços do saldo dos naturais que em 1970 se achavam ausentes da Região. Isoladamente, os baianos, pernambucanos e cearenses representaram, respectivamente, 33%, 18% e 11% desse saldo. Seguiram-se-lhes os contingentes dos naturais da Paraíba e de Alagoas, cada um com participação de 9%, do Maranhão, com 6%, de Sergipe e Rio Grande do Norte, com 5% cada um, e, finalmente, do Piauí, com 3% (Tabela 5).

Decresceu ao longo do tempo a participação relativa dos naturais da Bahia, Ceará, Maranhão e Alagoas sobre o referido saldo, sobretudo no que toca aos baianos, que haviam chegado a constituir em 1940 e em 1950 43% e 40%, e aos cearenses, cujos percentuais haviam sido 14% e 12%, respectivamente. Comportamento inverso ocorreu com relação aos naturais de todos os demais Estados da Região, notadamente quanto aos de Pernambuco e da Paraíba, cuja participação conjunta se elevou de 15%, em 1940, para 19%, em 1950 e, finalmente, para 27%, em 1970.

Se observados os ritmos de crescimento relativo desse saldo, segundo os Estados da Região, verifica-se que os da Paraíba e Pernambuco foram, no período 1950/70, de quase 10% a.a. e de 8% a.a.; os do Piauí e Rio Grande do Norte em torno de 7,5% a.a.; enquanto que os de quase todos os demais Estados se processaram a taxas geométricas que variaram entre 6,0% e 6,6% a.a. Aos naturais maranhenses se referiu a menor taxa do período em foco, a qual, mesmo assim, quase atingiu 5,5% a.a.

Alagoas constituiu a exceção nordestina, em vista de haver apresentado, a partir de 1950, taxa de crescimento do respectivo saldo de emigrantes ligeiramente inferior à do período 1940/50. Quanto aos Estados que haviam apresentado durante os anos quarenta ritmos mais lentos de crescimento nas respectivas parcelas do saldo — casos do Maranhão, Piauí,

Ceará e Rio Grande do Norte — as taxas calculadas para o período 1950/70 se mostraram o duplo ou o triplo das que até então se haviam registrado.

Com isto se verificou uma maior homogeneização entre os Estados da Região quanto às taxas de crescimento dos saldos respectivos, homogeneização essa, evidentemente, ocorrida a ritmo mais acelerado.

Convém ainda mencionar, com relação à Tabela 5, que as taxas de crescimento do período 1950/70 atinentes às parcelas femininas se mostraram, no caso de todos os Estados do Nordeste, superiores às das correspondentes parcelas masculinas.

Os saldos dos nordestinos ausentes nos diversos anos censitários, tabulados percentualmente segundo áreas de nascimento e de presença, ensejam que se tenha uma idéia acerca das principais áreas de atração para os fluxos migratórios originados nos diversos Estados da Região (Tabela 6). É interessante notar que, sob esse ponto, os dados apresentam aspectos curiosos que parecem indicar ou refletir certa especialização dos fluxos segundo origens e destinos. Embora isto não possa ser explicado ao nível das informações atualmente disponíveis, fica aqui registrado como marco para pesquisa e comprovação futuras ou para observações complementares.

A observação geral se relaciona com a grande concentração dos fluxos migratórios dos naturais dos diversos Estados, segundo umas poucas áreas de presença. Assim, em 1970, pouco mais de 80% dos maranhenses ausentes da Região se encontravam no Centro-Oeste e no Norte do País; cerca de 75% dos piauienses no Centro-Oeste e em São Paulo; 66% dos potiguares nas regiões dos Estados do Rio, Guanabara e Centro-Oeste; 75% dos paraibanos, pernambucanos, alagoanos e sergipanos em São Paulo e no Rio de Janeiro-Guanabara; e quase duas terças partes dos baianos em São Paulo e no Centro-Oeste. Quanto aos cearenses, foram os que se apresentaram mais distribuídos pelas diversas áreas do Resto do País: pouco mais de um quarto em São Paulo, cerca de um quinto na região Norte, um outro quinto no Rio-Guanabara e outra mais no Centro-Oeste.

Observar-se-ão em seguida as áreas predominantes quanto à presença dos naturais dos vários Estados do Nordeste e as principais modificações havidas nesse foco de interesse a partir de 1940.

São Paulo tem sido historicamente a grande área de atração para os migrantes naturais da Bahia, concentrando nunca menos de 47% de todos os naturais desse Estado ausente da Região nas datas dos Censos observados.

O mesmo ocorre para os Estados do Rio e Guanabara juntos com relação aos naturais do Rio Grande do Norte e, sobretudo, aos da Paraíba. Mais da metade de todos os paraibanos ausentes da Região e quase 40% dos potiguares estavam presentes em 1970 nos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara, de modo especial, neste último, ao que se presume.

Desde 1950, o Estado de São Paulo superou os Estados do Rio e Guanabara como área de atração principal para pernambucanos, alagoanos e sergipanos. Também para esses naturais nordestinos o Paraná passou à situação de terceira área de atração mais importante, logo abaixo do Rio de Janeiro-Guanabara e em plano mais destacado que a própria Região Centro-Oeste do País.

Tabela 5
NORDESTE
Naturais Ausentes Segundo Estados de Nascimento
1940/70

Estados	Números Absolutos (Em Milhares)				Taxas de Crescimento (% a. a.)	
	1940	1950	1970		1940/50	1950/70
			Números Absolutos	% s/ Total		
I — Homens						
Maranhão	34,0	42,5	116,3	5,7	2,3	5,2
Piauí	11,8	17,2	68,8	3,4	3,9	7,2
Ceará	59,3	76,2	250,3	12,2	2,5	6,1
R.G. do Norte	17,1	24,8	100,9	4,9	3,8	7,3
Paraíba	16,1	34,6	189,5	9,3	7,9	8,9
Pernambuco	47,9	83,1	371,1	18,1	5,7	7,8
Alagoas	30,4	57,2	170,5	8,3	6,5	5,6
Sergipe	19,7	33,0	106,2	5,2	5,3	6,0
Bahia	179,4	234,2	673,2	32,9	2,7	5,4
NORDESTE	415,7	602,8	2.046,9	100,0	3,8	6,3
II — Mulheres						
Maranhão	27,5	36,3	109,8	6,3	2,8	5,7
Piauí	7,5	11,0	55,2	3,2	3,9	8,4
Ceará	43,4	50,6	183,4	10,5	1,5	6,7
R.G. do Norte	12,4	17,8	80,4	4,6	3,7	7,8
Paraíba	10,9	17,8	154,9	8,9	5,1	11,4
Pernambuco	31,1	58,4	319,0	18,3	6,5	8,9
Alagoas	22,4	43,8	156,7	9,0	6,9	6,6
Sergipe	13,2	23,3	96,0	5,5	5,9	7,3
Bahia	126,3	163,1	592,8	33,9	2,6	6,7
NORDESTE	294,6	421,8	1.748,3	100,0	3,7	7,4
III — Total						
Maranhão	61,4	78,8	226,2	6,0	2,5	5,4
Piauí	19,3	28,2	124,1	3,3	3,9	7,7
Ceará	102,7	126,8	433,8	11,4	2,1	6,3
R.G. do Norte	29,6	42,6	181,4	4,8	3,7	7,5
Paraíba	27,0	52,4	344,2	9,1	6,9	9,9
Pernambuco	79,0	141,5	690,0	18,2	6,0	8,2
Alagoas	52,8	100,9	327,1	8,6	6,7	6,1
Sergipe	32,9	56,2	202,3	5,3	5,5	6,6
Bahia	305,7	397,3	1.266,1	33,4	2,7	6,0
NORDESTE	710,3	1.024,6	3.795,1	100,0	3,7	6,8

Fonte dos dados originais: F. IBGE — Censos Demográficos.

Tabela 6

NORDESTE

Saldos de Naturais Ausentes Segundo Estados Nordestinos de
Nascimento e Regiões de Presença

1940/70

Estado de Nascimento	Regiões de Presença (*)	% s/Total do Estado						Total do Estado	
	Norte	M. Gerais E. Santo	R. Janeiro Guanabara	São Paulo	Paraná	Extremo Sul	Centro-Oeste		
I --- 1940									
Maranhão		26,2	0,9	10,1	1,6	0,2	0,3	60,8	100,0
Piauí		20,6	3,5	13,9	15,5	1,2	0,6	44,8	100,0
Ceará		64,5	2,7	14,0	14,0	0,7	0,5	3,6	100,0
R. G. do Norte		44,6	4,2	31,5	15,1	1,0	1,0	2,6	100,0
Paraíba		28,3	5,2	38,5	22,1	1,2	1,2	3,5	100,0
Pernambuco		5,2	5,4	42,7	39,9	1,6	1,6	3,5	100,0
Alagoas		2,8	5,5	43,2	44,8	1,2	1,0	1,5	100,0
Sergipe		3,0	10,4	53,7	28,8	1,2	1,4	1,5	100,0
Bahia		0,5	21,6	10,4	50,2	1,5	0,4	15,6	100,0
NORDESTE		16,2	11,7	21,0	34,7	1,2	0,7	14,5	100,0
II — 1950									
Maranhão		21,5	0,8	12,2	1,8	0,2	0,2	63,2	100,0
Piauí		14,3	3,2	14,8	18,5	2,3	0,5	46,5	100,0
Ceará		51,2	2,3	17,2	22,9	2,3	0,4	3,7	100,0
R. G. do Norte		30,9	7,0	40,9	16,4	1,5	0,7	2,6	100,0
Paraíba		17,2	3,5	53,7	20,5	2,0	0,9	2,2	100,0
Pernambuco		3,5	3,4	40,5	44,4	4,1	0,8	3,4	100,0
Alagoas		1,5	2,7	33,9	56,3	4,0	0,5	1,2	100,0
Sergipe		1,6	4,6	44,6	44,5	3,0	0,7	1,0	100,0
Bahia		0,4	17,2	13,7	47,7	4,7	0,3	15,9	100,0
NORDESTE		11,4	8,6	24,7	37,8	3,5	0,5	13,6	100,0
III — 1970									
Maranhão		21,1	0,7	13,1	4,1	0,4	0,1	60,5	100,0
Piauí		6,2	2,0	10,6	26,2	4,2	0,1	50,8	100,0
Ceará		20,1	1,6	20,5	27,8	10,8	0,3	19,0	100,0
R. G. do Norte		6,0	10,8	38,3	19,5	2,2	0,1	23,2	100,0
Paraíba		1,6	3,7	52,0	23,7	5,4	0,1	13,5	100,0
Pernambuco		0,7	2,4	26,4	47,8	13,2	0,4	9,2	100,0
Alagoas		0,3	1,4	20,2	53,7	16,5	0,2	7,6	100,0
Sergipe		0,4	1,8	31,8	45,6	13,9	0,2	6,3	100,0
Bahia		0,4	10,9	13,0	47,7	11,2	0,1	16,8	100,0
NORDESTE		4,5	5,4	22,6	39,0	10,3	0,2	18,0	100,0

Fonte dos dados originais: F. IBGE — Censos Demográficos.

Nota: (*) Sobre divisão regional vide nota à Tabela 2-A.

Esta é presentemente a segunda área de atração migratória para os baianos, desde 1950, superando a influência até então exercida pelos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo (que se limitam com a Bahia). É oportuno, porém, observar que desde 1940 vem o Centro-Oeste concentrando quase a mesma proporção (16% a 17%) do saldo dos naturais baianos ausentes do Nordeste, o que pode ser uma indicação de que a contigüidade territorial, tanto ou mais do que a construção da nova capital federal, esteja associada à intensidade relativa e à orientação do fluxo de naturais baianos que demandam à referida Região.

Também com relação aos migrantes maranhenses e piauienses o Centro-Oeste é a principal área de presença, não se notando, ademais, substanciais alterações nos elevados percentuais que lhe correspondem em relação a esse fluxo. Desde 1940 que a proporção dos maranhenses ausentes recenseados na mencionada área vem se mantendo pouco superior a 60% do respectivo total. Com relação aos piauienses, o percentual correspondente se elevou de 45%, em 1940, para 46%, em 1950, sendo da ordem de 51%, em 1970.

Após 1950, os grandes incrementos nas parcelas relativas dos saldos de nordestinos presentes no Centro-Oeste ocorreram com relação aos naturais do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e, em menor escala, de Pernambuco, Alagoas e Sergipe, embora em nenhum destes três últimos casos a Região Centro-Oeste tenha chegado a concentrar mais de 10% dos respectivos contingentes presentes fora do Nordeste.

Os dados da Tabela 6 também permitem observar o declínio da importância relativa da Região Norte como área de atração migratória. Em 1970 ela apenas continuava a interessar com algum destaque aos naturais do Maranhão e do Ceará. Com efeito, enquanto a parcela relativa de maranhenses presentes nessa área se manteve de certo modo estável ao longo de toda a série, apenas decrescendo de 25% em 1940 para 21% em 1970, a dos cearenses caiu de 64%, em 1940, para 51%, em 1950 e para 20%, em 1970. Para os piauienses, rio-grandenses-do norte e paraibanos a Região Norte, após 1950, praticamente deixou de constituir um atrativo.

Finalmente, cabe mencionar que a ordem de importância que foi assumida em 1970 pelas principais áreas do Resto do País quanto à atração de nordestinos naturais dos diversos Estados não apresenta diferenças substanciais segundo se tratem das parcelas masculina ou feminina dos respectivos contingentes. Contudo, sempre se podem notar com relação às mulheres proporções maiores que as dos homens quanto à presença nos Estados do Rio e Guanabara. O oposto ocorre quanto aos naturais da Região que se radicaram nos Estados de São Paulo e Paraná, o que poderia estar indicando também certa seletividade por sexo no tocante aos fluxos migratórios de nordestinos quando considerados segundo regiões de destino. É possível que o motivo ocupacional esteja relacionado com isso.

Migrações Intra-regionais

Segundo Áreas de Naturalidade e Presença

As informações censitárias de 1970 disponíveis até o momento só permitem combinar os dados acerca da população natural dos vários Estados nordestinos segundo três grandes sub-regiões de presença a saber:

Sub-Região I: Estados do Maranhão e Piauí;

Sub-Região II: Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas;

Sub-Região III: Estados de Sergipe e Bahia.

Face a essa globalização, perde-se considerável detalhe dos dados sobre as migrações dos naturais dos Estados classificados dentro de uma mesma sub-região, sobretudo no que concerne a Estados vizinhos, aos quais deve corresponder parcela quantitativamente mais significativa desses fluxos.

Como se verifica na Tabela 7, por ocasião do Censo de 1970 não atingiu 500 mil o contingente dos naturais ausentes da sub-região nordestina de nascimento (menos de 2% da população total presente no Nordeste). Nesses dados reflete-se mais ponderavelmente a participação dos naturais daqueles Estados que se apresentam contíguos ao território da sub-região de presença sendo objeto de consideração. É o caso, por exemplo, dos cearenses com relação à sub-região I, dos piauienses e baianos com relação à sub-região II e dos pernambucanos e alagoanos com relação à sub-região III.

Não obstante a exigüidade de informações é possível efetuar algumas observações adicionais no que toca aos naturais nordestinos de outros Estados presentes na sub-região constituída pelos Estados do Maranhão e Piauí, aliás a mesma para a qual estão também disponíveis dados do Censo de 1960 detalhados a nível desses dois Estados.

Essa disponibilidade é tanto mais significativa por ser o Maranhão a última porção de território nordestino que ainda constitui, em grande parte, área típica de penetração de desbravamento. Admite-se que o Estado constitua foco de interesse migratório para as populações das zonas semi-áridas do Nordeste (em particular do Piauí e do Ceará) periodicamente afetadas pelas secas.

Em 1950, a sub-região I apresentou na sua população presente um total de quase 120 mil nordestinos naturais do Resto da Região.

Já em 1960, consoante os dados da Tabela 7, estavam presentes nessa área cerca de 300 mil naturais do Resto do Nordeste, dos quais só no Estado do Maranhão havia quase 180 mil cearenses. É possível que a grande intensidade do processo se tenha dado devido à ocorrência de duas grandes secas durante esse período intercensitário.

Os últimos dados censitários indicaram para 1970 a presença na sub-região I de 190 mil cearenses, isto é, de um contingente inferior ao que essa área tinha dez anos antes e apenas ligeiramente superior ao referido exclusivamente para o Estado do Maranhão.

Por essas informações parece razoável admitir ter havido na última década certa inversão quanto aos fluxos migratórios entre o Resto do Nordeste e a Sub-Região I, que, como se mencionou, devem ser bastante influenciados pelo que se referir especificamente ao Estado do Maranhão.

Contudo, fica sem explicação o porquê de não se terem refletido nos dados do Censo de 1970 os efeitos migratórios que seriam de esperar com relação ao Maranhão, em decorrência da seca que pouco antes afetara boa parte do sertão nordestino.

Tabela 7

NORDESTE

Nordestinos Natos Presentes fora da Sub-Região de Nascimento

1960/70

Local de Nascimento	Locais de Presença				
	Sub-Região I		Sub-Região II	Sub-Região III	Nordeste
	Maranhão (*)	Total			
1960					
Sub-Região I	220,3	—	...	...	...
— Maranhão	—	—	...	...	...
— Piauí	220,3	—	...	...	...
Sub-Região II	218,6	289,7	...	...	...
— Ceará	179,2	240,6	...	...	...
— R. G. Norte	8,6	9,5	...	...	...
— Paraíba	12,6	15,2	...	...	...
— Pernambuco	17,4	23,3	...	...	...
— Alagoas	0,8	1,2	...	...	...
Sub-Região III	1,3	8,4	...	...	...
Sergipe	0,2	0,2	...	...	...
— Bahia	1,1	8,1	...	...	...
NORDESTE	440,2 (*)	298,1	...	...	...
1970					
Sub-Região I	...	—	35,9	7,4	43,3
— Maranhão	...	—	9,6	1,8	11,4
— Piauí	...	—	26,3	5,6	31,9
Sub-Região II	...	229,6	—	141,1	370,7
— Ceará	...	189,8	—	13,7	203,5
— R. G. Norte	...	7,1	—	6,3	13,4
— Paraíba	...	10,0	—	19,3	29,3
— Pernambuco	...	21,9	—	61,8	83,7
— Alagoas	...	0,8	—	40,0	40,8
Sub-Região III	...	15,6	30,4	—	46,0
— Sergipe	...	—	9,2	—	9,2
— Bahia	...	15,6	21,2	—	37,8
NORDESTE	...	245,2	66,3	148,5	460,0

Fonte dos dados originais: F. IBGE — Censos Demográficos.

(*) Inclusive piauienses presentes no estado do Maranhão.

Migrações Campo-Cidade: Algumas Estimativas

Um aspecto fundamental do processo migratório intra-regional consiste no deslocamento de substanciais massas de população do campo para as cidades. Antevê-se a magnitude desse deslocamento ao se considerarem as substanciais diferenças para mais entre as taxas de crescimento urbano e rural nos períodos intercensitários — 4,6% e 1,2% a.a. no intervalo 1960/70 — e o fato de serem inexpressivas as parcelas dos não-naturais presentes na Região por ocasião dos Censos.

Esse processo, que também deve prevalecer a nível das migrações inter-regionais, apresenta complexidade de tal ordem que reflete, para não dizer justifica, a falta de informações censitárias específicas a esse tipo de deslocamento.

Entretanto, com base nas informações estatísticas disponíveis, faz-se uma tentativa de realizar algumas estimativas sobre as “variações” líquidas resultantes das migrações rurais-urbanas consideradas num determinado intervalo censitário. Mesmo sem nada permitirem antever com relação às etapas migratórias relacionadas com origem e destino dos fluxos e tampouco representarem elementos precisos para a qualificação do fenômeno, admite-se que possam servir como uma primeira indicação sobre a sua ordem de grandeza.

O método consiste em estimar com base nos resultados censitários de anos anteriores — o de 1950, no nosso caso (4) — e em tábuas de sobrevivência e de fecundidade disponíveis ou aceitáveis, os contingentes urbanos e rurais (segundo sexos e grupos etários) que deveriam existir em 1970 na ausência de variações migratórias. Por diferença entre os contingentes assim projetados e os valores censitários atinentes a 1970 são obtidos resultados que se devem referir às variações líquidas resultantes dos deslocamentos de população entre os quadros de domicílio. As diferenças encontradas — no caso nordestino presumivelmente positivas em relação ao contingente urbano e negativas em relação ao rural — deveriam corresponder exatamente entre si na ausência das migrações inter-regionais. Assim, a estas corresponde um resíduo que também se apresentará neste item segundo sua distribuição por saldos dos nordestinos ausentes da Região em 1950 e em 1970 (constantes da Tabela 1) servirá como um teste aproximado quanto a qualidade da estimativa.(5)

-
- (4) Não se considerou o ano de 1960 face à não disponibilidade de informações estatísticas do Censo desse ano necessárias à aplicação do método. Os dados da Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1960, divulgados a nível de composição etária, por sexo e por localização do domicílio somente se referem, no caso do Nordeste, ao conjunto dos Estados do Maranhão e Alagoas, excluindo, portanto, Sergipe e Bahia.
 - (5) Incidentalmente, convém referir que o resíduo inclui, por definição, os filhos não-nordestinos das mulheres que deixaram a Região entre 1950 e 1970. Assim, tal resíduo deverá ser maior do que a diferença entre os saldos de naturais nordestinos ausentes recenseados em 1950 e em 1970. O mesmo problema também existe a nível das migrações intra-regionais campo-cidade. Contudo, a falta de levantamentos estatísticos correspondentes a estas migrações permite, para efeito de simplificação, considerar os descendentes nascidos no quadro urbano como efeito direto do fluxo migratório rural.

Isto estará na dependência:

— de as informações dos dois Censos utilizados serem comparáveis entre si quanto à cobertura, declaração de idades, etc. . .

— de não se incorrerem em grandes distorções resultantes da seleção e aplicação das tábuas de sobrevivência e de fecundidade;

— de inexistirem diferenças substanciais aos níveis de fecundidade e de mortalidade segundo a localização rural ou urbana da população nordestina.

Quanto à variável mortalidade, à falta de tábuas de sobrevivência especificamente calculadas para a Região, adotaram-se as tábuas teóricas do professor Leon Tabah (6) calculadas para as esperanças de vida ao nascer (e^0) abaixo relacionadas segundo sexos e subperíodos que lhes correspondem (Vide Tabela I do Apêndice). Tais “vidas médias” se referem a uma hipótese intermediária adotada em estudo do BNB/ETENE acerca da evolução provável que a mortalidade regional teria apresentado no período 1950/70 (7). Segundo ela, a esperança de vida ao nascer da população natural do Nordeste se elevaria a partir dos níveis calculados para 1950 de apenas um ano por quinquênio durante o período 1950/60 e, desde então, de três anos por quinquênio.

<u>Quinquênios</u>	<u>Sexo Masculino</u>	<u>Sexo Feminino</u>
1950/55	41 anos	46 anos
1955/60	42 anos	47 anos
1960/65	45 anos	50 anos
1965/70	48 anos	53 anos

Quanto às taxas de fecundidade segundo grupos etários de mulheres prolíficas, adotaram-se as mesmas que foram calculadas para o Nordeste em 1950 (8) (Vide Tabela II do Apêndice) devido à conclusão preliminar de um trabalho ainda em realização pelo ETENE/BNB de que desde então não se teriam alterado substancialmente os índices de fecundidade e de reprodução do contingente demográfico natural da Região. (9)

Os dados disponíveis sobre os contingentes demográficos recenseados em 1950 e 1970 assim como os resultados das projeções para esse último ano são apresentados na Tabela 8. Por seu turno, a Tabela 9 apresenta as estimativas da variação líquida das pessoas que entre os anos extremos da série 1950/70: 1) se acresceram ao setor rural provindas do campo (Parte A); 2) deixaram os quadros rurais da Região (Parte B); 3) deixaram a Região (Parte C).

(6) Leon Tabah, *Poblaciones Modelos Estables, Cuasi Estables y en Transición Demográfica*, Celade, Santiago, dezembro, 1968, Série A n.º 27, mimeo.

(7) Hélio A. de Moura, “Crescimento Demográfico no Nordeste” in *Perspectiva de Desenvolvimento do Nordeste até 1980*, BNB/ETENE, Fortaleza, 1970, (mimeo), pág. 40/43.

(8) Idem *op. cit.*, Tabela 2.3 pág. 37.

(9) Trabalho ainda em fase de realização sob a responsabilidade do TDE Osvaldo Riedel, do Grupo de Estudos de Demografia e Urbanização do ETENE/BNB.

Tabela 8
NORDESTE
População Recenseada e Projetada Segundo Grupos Etários, Sexo e
Localização do Domicílio
(Milhares de Pessoas)
1950/70

Grupos Etários	População Presente Recenseada		Pop. Projetada		Para 1970 (2)	
	1950		1970			
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
A — Quadro Urbano						
0 — 9	621,5	630,8	1.803,2	1.787,6	1.361,5	1.347,4
10 — 19	483,7	576,6	1.340,7	1.533,6	1.061,9	1.098,2
20 — 29	379,6	506,8	838,7	1.066,3	538,2	556,6
30 — 39	272,3	334,6	578,7	726,0	418,8	506,1
40 — 49	191,3	225,8	323,5	672,1	313,8	431,1
50 — 59	118,3	144,1	319,9	355,8	203,4	269,7
60 e mais (1)	101,0	158,2	286,3	348,6	167,5	237,1
Total	2.167,8	2.577,0	5.490,9	6.490,1	4.065,2	4.437,2
B — Quadro Rural						
0 — 9	2.189,0	2.139,5	2.831,3	2.797,9	3.769,9	3.729,3
10 — 19	1.527,7	1.551,3	1.928,2	1.919,8	2.495,2	2.560,2
20 — 29	1.014,9	1.117,7	1.198,6	1.298,8	1.898,3	1.889,0
30 — 39	728,1	728,3	801,3	851,4	1.324,0	1.362,9
40 — 49	519,2	484,3	647,7	619,4	838,9	950,6
50 — 59	328,0	303,4	480,8	425,7	543,9	587,0
60 e mais (1)	291,7	305,3	469,1	424,0	457,9	503,6
Total	6.598,8	6.629,8	8.357,1	8.337,1	11.327,9	11.582,7
C — Total						
0 — 9	2.810,5	2.770,4	4.364,5	4.585,5	5.131,4	5.076,7
10 — 19	2.011,4	2.127,9	3.268,8	3.453,4	3.557,1	3.649,4
20 — 29	1.394,5	1.624,5	2.037,3	2.365,1	2.436,5	2.445,6
30 — 39	1.000,5	1.062,9	1.380,0	1.577,4	1.742,8	1.869,0
40 — 49	710,5	710,1	971,2	1.291,5	1.152,6	1.381,7
50 — 59	446,4	447,5	800,7	781,5	747,3	856,7
60 e mais (1)	392,7	463,5	755,4	772,7	625,4	740,7
Total	8.766,6	9.206,9	13.848,0	14.827,1	15.393,1	16.019,9

Fonte dos dados originais: F. IBGE — Censos Demográficos de 1950 e 1970.

Notas: (1) Inclusive idades ignoradas.

- (2) Projeção realizada pelo método das componentes (Vide Tabelas I e II do Apêndice) para períodos e intervalos etários quinquêniais. Notar que os dados censitários de 1950 atinentes a idades superiores a 35 anos são divulgados a nível de intervalos etários decenais, sendo necessária a aplicação da fórmula de Newton para a estimativa em termos dos intervalos etários quinquêniais correspondentes. Dita fórmula é a seguinte

$$F_{na} = 1/2 [f_n + 1/8 (f_{n1} - f_{n+1})]$$

Na qual:

F_{na} = valor encontrado p/ o primeiro grupo quinquenal de idades;

f_n = frequência do grupo decenal;

f_{n-1} = frequência do grupo decenal anterior; e

f_{n+1} = frequência do grupo decenal posterior.

Conforme se pode verificar, estimou-se em quase 3,5 milhões o impacto líquido direto que as migrações oriundas do setor rural teriam exercido sobre os quadros urbanos da Região durante o período 1950/70, o que representa cerca de 42% da média aritmética dos contingentes demográficos recenseados nesses quadros nos anos extremos do mencionado período. Em termos de taxa, tal estimativa equivale a dizer que, na ausência de migrações, os quadros urbanos da Região teriam crescido a uma taxa geométrica da ordem de 2,9% a.a., ao invés da de 4,7% a.a., que foi a registrada para o período 1950/70.

Quase três quintas partes do mencionado impacto teriam sido proporcionadas pela participação das mulheres. Embora a nível dos grupos etários muito jovens (menos de 10 anos) ou muito idosos (60 anos e mais) possa se notar um certo equilíbrio segundo sexos — a despeito de ligeira predominância do elemento masculino — nas faixas de idades mais produtivas (19 a 50 anos) coube, sem dúvida, à parcela feminina o maior peso na variação líquida relacionada com as migrações campo-cidade durante o período 1950/70.

Releva notar o que ocorre quanto à parcela dessa variação constituída por pessoas que em 1970 se classificavam na faixa dos 40-49 anos de idade. Nela, foi quase total a participação de elementos femininos. É possível que várias causas e fatores possam ter contribuído para esse resultado. Tratando-se de variações líquidas em período de tempo bastante longo, atinentes a um grupo etário constituído por sobreviventes de pessoas que durante a fase de emigração relativamente mais intensa por que passou o Nordeste nos últimos tempos (o decênio dos cinquenta) se incluíam em uma das faixas etárias de atividade produtiva mais intensa (faixa dos 20-29 anos), é possível que a parcela originariamente urbana da população nordestina (10) tenha sido nesse grupo etário desfalcada mais do que proporcionalmente aos outros termos de elemento masculino que deixou a Região.

Não deve ser fora de propósito considerar uma série de outras possibilidades, inclusive a de meras distorções da natureza estatística (11). Contudo, um tanto pelo sentimento, parece conveniente assinalar ser bastante improvável que dentre essas uma má declaração de idades possa ter sido preponderantemente responsável pela proporção anormalmente alta de mulheres em relação a homens, que se pode notar nos resultados censitários de 1970 quanto ao grupo de pessoas com 40 a 49 anos então presentes nos quadros urbanos da Região (Vide Tabela 8).

Quanto à variação líquida havida no número de pessoas que deixaram os quadros rurais da Região entre 1950 e 1970, representou cerca de 42% da média aritmética da respectiva população presente nos mencionados anos. Em números absolutos, esse "egresso" líquido atingiu a cerca de 6,2 milhões de pessoas, ou seja, cerca de 2,7 milhões, a mais da cifra

(10) Originariamente urbana tem aqui a conotação de população (nativa ou não) presente nos quadros urbanos da Região anteriormente a 1950.

(11) A julgar pelos sinais que precedem os resultados obtidos, a nível de grupos etários, parece terem ocorrido distorções que se refletiram mais fortemente no tocante à faixa quantitativamente minoritária de pessoas com 60 e mais anos de idade.

Tabela 9

NORDESTE

Estimativa das Variações Migratórias Intra-Regionais Campo-Cidade
Segundo Sexos, Grupos e Localização do Domicílio

1950/70

Grupos Etários em 1960	Ganhos (+) Perdas (—) de População Nordestina dos Quadros Domiciliares ou Regiões Indicados (Em Milhares)		
	Homens	Mulheres	Total
A — Quadro Urbano Regional			
0 — 9	+ 441,6	+ 440,1	+ 881,8
10 — 19	+ 278,8	+ 444,3	+ 723,1
20 — 29	+ 300,4	+ 509,7	+ 810,2
30 — 39	+ 159,9	+ 219,9	+ 379,8
40 — 49	+ 9,7	+ 241,1	+ 250,8
50 — 59	+ 116,4	+ 86,2	+ 202,6
60 e mais	+ 118,8	+ 111,5	+ 230,3
Total	+ 1.425,7	+ 2.052,8	+ 3.478,5
B — Quadro Rural Regional			
0 — 9	— 938,6	— 931,4	— 1.869,9
10 — 19	— 567,0	— 640,4	— 1.207,4
20 — 29	— 699,6	— 590,2	— 1.289,8
30 — 39	— 522,6	— 511,5	— 1.034,1
40 — 49	— 191,1	— 331,3	— 522,4
50 — 59	— 63,1	— 161,3	— 224,4
60 e mais	+ 11,2	— 79,6	— 68,4
Total	— 2.970,8	— 3.245,6	— 6.216,4
C — Nordeste			
0 — 9	— 496,9	— 491,2	— 988,1
10 — 19	— 288,2	— 196,0	— 484,3
20 — 29	— 399,2	— 80,5	— 479,7
30 — 39	— 362,8	— 291,6	— 654,4
40 — 49	— 181,4	— 90,2	— 271,6
50 — 59	+ 53,4	— 75,2	— 21,8
60 e mais	+ 130,0	+ 32,0	+ 162,0
Total	— 1.545,2	— 1.192,8	— 2.737,9

Fonte dos dados originais: F. IBGE — Censos Demográficos de 1950 e 1970.

correspondente ao “ingresso” líquido nos quadros urbanos regionais (80% e mais, em termos relativos).

Tal diferença deve ser lançada à conta da “perda” da população natural sofrida pelo Nordeste em relação ao Resto do País, valendo a pena observar, a propósito, a grande aproximação entre a cifra total correspondente a essa perda (Tabela 9) e a que resultou diretamente das informações censitárias atinentes aos saldos totais de naturais ausentes (Vide Tabela (9), (12).

No que toca aos “egressos” e “ingressos” líquidos da população regional nos quadros domiciliares da Região é conveniente também mencionar ser a relação de masculinidade dos que saem do campo (da ordem de 90) bastante superior à da variação líquida da população que se acresce às cidades (da ordem de 70).

Sem que isso venha de encontro ao fato de ter havido um grande crescimento relativo na parcela feminina do saldo de naturais nordestinos ausentes da Região durante o período 1950/70, parece evidenciar, entretanto, ter existido nesse período um certo processo, pelo menos em termos relativos, de seletividade segundo sexos entre as migrações intra-regionais campo-cidade e as migrações inter-regionais dos naturais nordestinos (Vide Tabela 10).

Tabela 10
NORDESTE

Estimativa dos Ganhos (+) e Perdas Líquidas (—) das Migrações
Intra-Regionais Campo-Cidade e das Migrações Inter-Regionais
e Respectivas Participações Segundo Sexos
1950/70

Discriminação	Números Absolutos (Mil Pessoas)	Participação Sexos		Relação de Mas- culini- dade (%)
		Homens	Mulheres	
Quadros Urbanos Regionais	— 3.748,5	41,0	59,0	69
Quadros Rurais Regionais	— 6.216,4	47,8	52,2	91
NORDESTE	— 2.737,9	56,4	43,6	130

Fonte dos dados originais: F. IBGE — Censos Demográficos de 1950 e 1970.

É oportuno mencionar que a comparação entre as estimativas realizadas e os resultados atinentes aos saldos dos naturais ausentes da Região nas datas dos Censos de 1950 e 1970 indicaram ter havido ligeira superestimação no “egresso” líquido dos naturais ausentes do sexo masculino e subestimação nos do sexo feminino (cerca de 100 mil homens a mais e 100 mil mulheres a menos). Face ao vulto das magnitudes totais envolvi-

(12) Embora se deva considerar o que já foi referido na nota 5.

Tabela 11
NORDESTE
Estimativa das Variações Migratórias Líquidas Segundo Principais Núcleos Urbanos da Região
1950/70

Núcleos Urbanos	População Presente Recenseada (Milhares)		População Projetada 1970 (i = 2,9% a.a.) (IV)	Variação Migratória Líquida (1950/70) Milhares (V = II — IV)	% de Δ Migratória s/Total (VI)	% de Δ Migratória/ População Média (VII = V/III)
	1950 (I)	1970 (II)				
1. Recife, Pe (1)	654,8	1.641,6	1.148,2	1.160,1	481,5	42
2. Salvador, Ba	389,4	1.024,6	707,0	690,0	334,6	47
3. Fortaleza, Ce (2)	237,8	842,1	540,0	421,3	420,8	78
4. João Pessoa, Pb (3)	109,9	285,5	157,7	194,6	90,9	46
5. Natal, RN (4)	102,5	283,2	192,8	181,5	101,7	53
6. Maceió, Al	99,1	248,7	173,9	175,6	73,1	42
7. S. Luís, Ma (5)	88,4	209,6	149,0	156,7	52,9	36
8. Teresina, Pi	51,4	190,3	120,8	91,1	99,2	82
9. Aracaju, Se	67,5	182,4	125,0	119,7	62,7	50
10. Campina Grande, Pb	72,5	164,9	118,7	128,4	36,5	31
11. Ilhéus/Itabuna, Ba	47,9	150,4	99,2	84,9	65,5	66
12. F. Santana, Ba	26,6	129,5	78,0	47,1	82,4	106
13. Crato/Juazeiro, Ce	58,8	106,4	82,6	104,1	2,3	3
14. Caruaru, Pe	43,5	102,5	73,0	77,1	25,4	35
15. Demais Vilas e Cidades	2.694,2	6.417,9	4.556,0	4.870,2 (6)	1.549,0 (6)	34
Total	4.744,3	11.979,6	8.361,9		3.478,5	48

Fonte dos dados originais: F. IBGE — Censos Demográficos 1950 e 1970.

Notas: (1) Inclui populações das vilas e cidades satélites pertencentes aos municípios de Jaboatão, Cavaleiro, S. Lourenço da Mata, Paulista, Cabo e Olinda.

(2) Vilas pertencentes ao município de Fortaleza.

(3) Idem cidades de Bayeux e Santa Rita.

(4) Idem cidades de Parnamirim e Macaba.

(5) Idem cidade de Anil.

(6) Obtidas por diferença, em relação aos respectivos totais verticais, do que resulta distorção desprezível em relação à soma ou subtração em termos dos componentes.

das, tal distorção, embora implicando a necessidade de reajustarem-se as percentagens da Tabela 10, não é de grandeza suficiente para invalidar o sentido da conclusão a que se chegou acima.

Finalmente, a Tabela 11 apresenta estimativa acerca do efeito líquido direto decorrente das migrações sobre o crescimento demográfico (1950/70) dos principais núcleos urbanos da região.

Tratou-se simplesmente de projetar para 1970 com base na taxa de crescimento vegetativo de 2,9% a.a. determinada para a região a partir das tábuas de sobrevivência de fecundidade adotadas, as populações recenseadas em 1950 nas maiores cidades da área (todas com população de mais de cem mil habitantes em 1970). Por diferença com as respectivas populações recenseadas no ano mais recente obtiveram-se resíduos representativos da variação migratória líquida havida em cada uma durante o período.

É evidente que devido à função de "entrepasto" demográfico que cada cidade isoladamente desempenha, essa estimativa não vem a determinar a parcela do crescimento demográfico atribuível às migrações rurais. Indica, tão-somente, a parcela do crescimento líquido da população de cada centro que não poderia teoricamente ser explicada através das componentes vegetativas.

Se as taxas de crescimento vegetativo específicas às várias cidades não houberem sido na realidade muito díspares entre si, chega-se à conclusão que dentre as metrópoles regionais, Fortaleza foi aquela na qual o componente migratório teria representado a proporção mais elevada (70%) do crescimento demográfico total ocorrido no período em foco.

O crescimento demográfico líquido 1950/70 de Recife e Salvador se constituiria em partes aproximadamente iguais tanto de parcela vegetativa como migratória (com ligeira predominância desta última no caso da capital baiana).

Isto mesmo também se pode referir com relação a João Pessoa, Maceió, e, até certo ponto, Aracaju e Natal. Quanto a Teresina, apresentou proporção muito aproximada da de Fortaleza em termos da participação relativa dos componentes do seu crescimento demográfico. São Luís, ao contrário, foi dentre as capitais da Região aquela na qual nitidamente prevaleceu uma maior proporção do componente vegetativo, embora o percentual de 40% atinentes à parcela migratória não possa de nenhum modo ser considerada desprezível.

Dentre as outras principais cidades da Região com população superior a 100 mil habitantes em 1970, verificaram-se percentuais de grandezas aproximadas às de São Luís com relação a Campina Grande e Caruaru, enquanto que em Feira de Santana e Ilheus/Itabuna atingiram a percentuais de 80% e 64% do crescimento total havido em suas respectivas populações.

Menciona-se o núcleo urbano de Crato/Juazeiro do Norte, no Cariri Cearense, onde o efeito líquido das variações migratórias parece ter sido muito pouco significativo em termos de crescimento da respectiva população. Finalmente, para o restante das vilas e cidades da Região registrou-se uma percentagem de 42%.

Tabela I
NORDESTE
Probabilidades de Sobrevivência em Modelos de Mortalidade

Grupos Etários	Esperança de Vida ao Nascer (e%)							
	Sexo Masculino				Sexo Feminino			
	41 (*)	42	45 (*)	48	46	47 (*)	50	53 (*)
Nascimento								
(5 P ₀)	0,7972	0,8035	0,8224	0,8483	0,8340	0,8595	0,8557	0,8717
0 — 4	0,9084	0,9128	0,9249	0,9365	0,9237	0,9273	0,9378	0,9475
5 — 9	0,9748	0,9762	0,9793	0,9828	0,9772	0,9783	0,9815	0,9843
10 — 14	0,9750	0,9761	0,9792	0,9821	0,9763	0,9774	0,9806	0,9834
15 — 19	0,9637	0,9751	0,9692	0,9732	0,9669	0,9669	0,9727	0,9767
20 — 24	0,9562	0,9580	0,9631	0,9677	0,9604	0,9622	0,9673	0,9720
25 — 29	0,9532	0,9552	0,9611	0,9662	0,9575	0,9595	0,9651	0,9702
30 — 34	0,9480	0,9505	0,9573	0,9630	0,9548	0,9569	0,9630	0,9683
35 — 39	0,9389	0,9418	0,9496	0,9565	0,9511	0,9533	0,9597	0,9652
40 — 44	0,9242	0,9277	0,9342	0,9473	0,9436	0,9460	0,9529	0,9588
45 — 49	0,9040	0,9082	0,9181	0,9214	0,9302	0,9329	0,9406	0,9473
50 — 54	0,8749	0,8795	0,8914	0,9021	0,9095	0,9126	0,9216	0,9294
55 — 59	0,8340	0,8390	0,8531	0,8652	0,8758	0,8796	0,8906	0,9002
60 — 64	0,7767	0,7824	0,7974	0,8111	0,8226	0,8272	0,8406	0,8524
65 — 69	0,6942	0,7006	0,7174	0,7334	0,7438	0,7491	0,7648	0,7789
70 — 74	0,5868	0,5938	0,6120	0,6299	0,6353	0,6413	0,6591	0,6754
75 — 79	0,4571	0,4643	0,4827	0,5013	0,5035	0,5101	0,5294	0,5468
80 — 84	0,3139	0,3191	0,3323	0,3464	0,3543	0,3608	0,3779	0,3989
85 e mais	0,1867	0,1866	0,1878	0,1909	0,2078	0,2133	0,2246	0,2504

Fonte: Leon Tabah, Poblaciones Modelos Estables, Cuasi Estables y en Transición Demografica, Edición Provisional, mimeo. Série A, n.º 27, dezembro 1968, Tabela 8.

(*) Estimados por interpolação linear entre anos pares consecutivos.

Tabela II
NORDESTE
Estimativa de Nascimentos Segundo Localização do Domicílio da População Presente
1950/70

Grupos Etários de Mulheres Prolíficas (anos)	Taxas de Fecundidade Feminina (por 1.000)	Número de Nascimento por Grupos Etários de Mulheres Prolíficas				
		1950 (1)	1955	1960	1965	1970
I — POPULAÇÃO URBANA						
15 — 19	82	23.452	23.267	22.127	25.310	41.505
20 — 24	267	74.927	73.835	73.251	70.081	80.492
25 — 29	294	66.505	79.237	78.228	78.021	75.007
30 — 34	259	47.880	56.098	66.977	66.510	66.684
35 — 39	195	29.199	34.419	40.416	48.561	48.488
40 — 44	130	16.226	18.514	21.875	25.858	31.247
45 — 49	57	5.757	6.713	7.679	9.139	10.871
Nascimentos Anuais		263.946	292.083	310.553	323.480	354.294
Nascimentos Quinquenais		1.319.730	1.460.415	1.552.765	1.617.400	1.771.470
Média de Nascimentos p/Quinquênio		—	1.390.072	1.506.590	1.585.082	1.694.435
Média Segundo Sexo (2)						
Nascimentos Masculinos		—	711.988	771.668	811.871	867.881
Nascimentos Femininos		—	678.084	734.922	773.211	826.555
II — POPULAÇÃO RURAL						
15 — 19	82	56.817	68.722	77.832	83.251	94.024
20 — 24	267	165.858	178.877	216.360	246.510	264.758
25 — 29	294	1.145.965	175.398	189.521	230.449	263.838
30 — 34	259	104.571	123.124	148.259	161.132	196.965
35 — 39	195	63.293	75.172	88.704	107.494	117.470
40 — 44	130	34.931	40.132	47.775	56.753	69.169
45 — 49	57	12.289	14.452	16.646	19.961	23.859
Nascimentos Anuais		583.724	675.877	785.097	905.550	1.030.083
Nascimentos Quinquenais		2.918.620	3.379.385	3.925.485	4.527.750	5.150.415
Média de Nascimentos p/Quinquênio		—	3.149.002	3.652.435	4.226.618	4.839.082
Média Segundo Sexo (2)						
Nascimentos Masculinos		—	1.612.903	1.870.759	2.164.853	2.478.554
Nascimentos Femininos		—	1.536.099	1.781.676	2.061.765	2.360.528

Fonte dos dados originais: F. IBGE.

Notas: (1) Dados Censitários.

(2) Supõem-se 105 nascimentos masculinos por 100 femininos.

S U M M A R Y

This paper analyses migration data presented by the Census of 1970 in the aspect which interest the Northeast and places the results within the historical mark in which they belong. Comparisons with data given by prior Census are made.

The author starts by analysing the inter-regional migrations, which show that the greater part of Northeastern emigrants in 1970 went to the state of São Paulo, where they attained 39%. As other areas of greater attraction for the migratory flux originated in the Northeast and next to São Paulo, were the States of Rio de Janeiro and Guanabara, the Central-Western region as a whole, and the state of Parana, whose percentages attained around 23%, 18% and 10% respectively.

The rate of individuals living in the Northeast and not born there was two and half times higher than in the period 1950/70. In 1970 that percentage was constituted, in a great part (around 38%) by individuals from the states of Minas Gerais and Espirito Santo. Those from São Paulo represented 17% of the total, from Rio de Janeiro and Guanabara, 12%, from the North, almost 9% and from the Central-West around 6%.

As to the inter-regional migrations, having in view the qualitative information of the Census, it was not possible to detail the migratory flux among the three sub-regions in which the Northeast is divided: Sub-Region I — Maranhão and Piauí; Sub-Region II — Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco and Alagoas and Sub-Region III — Sergipe and Bahia.

Data reveal that by the occasion of the Census of 1970 the total of individuals absent from the sub-region of their birth did not reach 500 thousand. In such number were heavily reflected the participation of those states neighboring the territories of the sub-regions where presences were considered. It is the case, for example, of individuals from Ceará in relation to sub-region I; of those born in Piauí and living in sub-region II and those from Pernambuco and Alagoas in relation to sub-region III.